



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 26 | Jan./Jun. de 2022

Entrevista com Marcella Albaine Farias da Costa.

Nesta entrevista, realizada de forma remota devido à distância geográfica, a professora Ana Amélia Rodrigues de Oliveira conversou com a professora Marcella Albaine Farias da Costa sobre a sua formação profissional, sua trajetória de pesquisa na área das tecnologias digitais e do Ensino de História e sobre os desafios desse campo de estudos.

Interview with Marcella Albaine Farias da Costa.



Marcella Albaine Farias da Costa

Universidade Federal de Roraima/ UFRR

In this interview, carried out remotely due to the geographical distance, Professor Ana Amélia Rodrigues de Oliveira spoke with Professor Marcella Albaine Farias da Costa about her professional training, her research trajectory in the area of digital technologies and History Teaching and about challenges in this field of study.

ENTREVISTADORA

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará / IFCE campus Maranguape

Ana Amélia Rodrigues – Professora Marcella, é um grande prazer tê-la como entrevistada desse dossiê da Revista Historiar, que trata da relação entre tecnologias digitais e Ensino de História. Eu tive a oportunidade de conhecer o seu trabalho no Ciclo de Debates que foi realizado pela Coordenação Nacional do ProfHistória em 2020, e ouvir suas reflexões sobre o assunto foi muito importante para mim, que estava começando a pesquisar sobre o tema. Gostaria que você nos contasse um pouco sobre a sua formação acadêmica e o que a levou a fazer das tecnologias de informação e comunicação o seu objeto de estudo.

Marcella Albaine – Eu agradeço à Revista Historiar, a você pela gentileza manifestada nas palavras e ao fluxo que nos transcende e permite encontros felizes. Gosto muito de lembrar da fala do professor Nilton Mullet Pereira (UFRGS) no programa Bate Papo sobre Ensino de História (<https://www.youtube.com/watch?v=T-eVQy2j9ro&t=1339s>) em que ele aborda a aprendizagem em História como arte de criar encontros alegres. O Ciclo de Debates do ProfHistória, assim como essa nossa conversa, sem dúvidas, são espaços-tempos de partilha, de manifestação do nosso respeito ao fazer docente, da valorização das pesquisas que tanto têm a contribuir para a mudança social e existencial que urge em nosso país. Desejo que você continue firme nas suas investigações, pois o campo ganha e nós, pessoalmente, crescemos nesses processos. Pesquisa demanda investimento, tempo, persistência, diálogo, paixão, ousadia e luta por melhores condições em meio ao sucateamento que temos visto.

Narrar-se é um ato político. Costumo brincar que quando falamos de nossas trajetórias, muitas vezes, omitimos os “não” que levamos, as reprovações e “aquilo que não deu certo”. Uso aspas porque não acho que exista o “não dar certo”, todos os caminhos são potencialmente caminhos de aprendizado. Aprendi desde cedo, a partir da base familiar que tive, que as escolhas devem ser conscientes, responsáveis. Me apaixonei pelos caminhos da História desde o meu ensino fundamental. Quando eu estava na 8ª série, atual 9º ano, já tinha decidido que desejaria ser professora de História. O universo da docência sempre esteve presente nas brincadeiras de criança. Lembro da minha vizinha no bairro do Méier/Rio de Janeiro, onde eu morava na época, comentar que ouvia “minhas aulas”. Era divertido. O universo da pesquisa conheci logo nos primeiros períodos da graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, desde então, tentei aproveitar tudo que esse espaço me permitia (monitora voluntária,

monitoria com bolsa, estágios, eventos acadêmicos, etc). O mundo da pesquisa em 'ensino de', porém, só conheci no final da minha graduação quando fui bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na Faculdade de Educação da UFRJ. A minha relação com o digital se deu um pouco antes, quando fiz um estágio na Incubadora de Empresas da COPPE/UFRJ. O que uma estudante de História foi fazer por lá? Fui trabalhar como auxiliar no atendimento às equipes participantes do jogo Desafio Sebrae. Dessa experiência veio meu interesse por pesquisar o mundo virtual, só não sabia como associar tal interesse àquilo que eu estudava na faculdade. Acho que até hoje estou pensando sobre isso (risos), por vias diferentes.

Fiz meu trabalho de conclusão de curso nessa temática, assim como a especialização, o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado. É uma investigação vastíssima, potente para uma vida futura inteira de pesquisa, se assim me for permitido. Fiz a Especialização em Tecnologias da Informação Aplicadas à Educação também na UFRJ, no Núcleo de Computação Eletrônica (NCE), mergulhando no universo dos jogos e da gamificação; em paralelo, na Faculdade de Educação da mesma instituição, cursei o mestrado, investigando sobre as tecnologias digitais na formação de professores a partir do campo do currículo. No doutorado, feito na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), trabalhei com a chamada historiografia escolar digital, lançando um olhar sobre a relação entre cultura digital e políticas de currículo, cultura digital como objeto de estudo dos professores-pesquisadores em Ensino de História e cultura digital nas escolas a partir da voz de estudantes de 6º e 9º ano do ensino fundamental. No pós-doc, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com o Centro de Humanidades Digitais da Universidade de Campinas (UNICAMP), investiguei o que aconteceu com a educação e com o patrimônio cultural no contexto dos primeiros anos da pandemia da Covid-19.

O que eu queria destacar é que todas essas etapas contaram com a participação de muita gente e elas não se deram sem entraves pessoais e profissionais. O que mais aprendo ao estudar o Ensino de História e a História Digital é trabalhar na afetividade dos saberes coletivos. A famosa frase "sou porque somos nós" acho que é bem representativa daquilo que eu desejo expressar. Tive o privilégio de ter sido orientada, majoritariamente, por intelectuais mulheres, mulheres que ocupam o espaço da

Academia e lutam de dentro para que a Universidade seja um espaço de produção de conhecimento junto com a sociedade. Romper qualquer tipo de hierarquização é algo que também me marcou ao longo desses anos de pesquisa. Experiências de estágio e atuação já como profissional formada em instituições públicas e privadas como o Colégio Pedro II, a Fundação Biblioteca Nacional, experiência de avaliação de livros didáticos no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a posterior atuação no âmbito editorial de materiais didáticos, a elaboração de questões para a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB/UNICAMP), o magistério na educação básica e superior, a participação em bancas (sobretudo as do Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória), a coordenação de projetos de extensão (refiro-me ao Bate Papo sobre Ensino de História, desenvolvido em parceria com a Universidade Federal do Vales do Jequitinhonha e Mucuri, UFVJM): tudo isso me marcou e me permitiu construir saberes e fazeres na poética da existência.

Sou grata a cada vivência dessa, sou grata também a cada pessoa que passou na nossa caminhada e deixou alguma semente. Como aprendi na aula de batuque: somos ritmo, pulso e coletividade!

Ana Amélia Rodrigues – Nós temos vivido nos últimos anos numa sociedade cada vez mais mediada por essas tecnologias, que impactam significativamente na vida cotidiana, inclusive na educação. Como é que a História e mais especificamente o campo do Ensino de História têm refletido sobre essas tecnologias?

Marcella Albaine – Creio que esse debate tem se ampliado significativamente. Muitos nos olhariam “de cara feia” até bem pouco tempo atrás se declarássemos, por exemplo, que a internet pode ser pensada como uma fonte histórica. Ou melhor, que ela contém vários tipos de registro que podem, eles mesmos, serem pensados como fonte. Acho que alguns historiadores talvez ainda nos olhem desconfiados (risos), mas está tudo bem. Particularmente não gosto de embates que nos façam gastar energia excessiva (energia essa que pode ser usada para construções e proposições); penso que não temos que convencer, temos é o comprometimento com pesquisas de qualidade que não abram mão do rigor e do amor. Bell Hooks, no livro “Tudo sobre o amor”, coloca o amor como ética de vida. Ele é, para ela, uma força capaz de tocar e transformar toda e qualquer esfera da vida. Então, para determinados tipos de resistência (no sentido

negativo), ofertamos amor em forma de trabalho socialmente comprometido. Participando de bancas do ProfHistória pude conhecer inúmeros trabalhos que têm as tecnologias digitais como cerne: games, podcasts, memes, webquests e muito mais. Prefiro não mencionar nomes para não ter risco de esquecer outros tantos, mas vale o acesso ao banco de dissertações pelo portal eduCAPES (<https://educapes.capes.gov.br/>).

Entendo que refletir sobre as tecnologias precisa de um olhar acurado. Não é raro vermos “falsas modernizações”, aliás, ‘modernização’ é um termo bastante controverso. Quem define o que é modernização? O que é inovação? Inovação para quem? De que forma? A discussão volta ao ponto basilar que é a questão de acesso e democratização a essas tecnologias, mais do que isso, é o acesso que seja acompanhado do pensamento crítico. Não dá para pensarmos o debate das tecnologias descolado do jogo político. Melhor do que usar o termo ‘impacto’, prefiro mudanças, e que sejam mudanças para o bem. Com isso quero dizer, apropriarmo-nos criticamente das tecnologias na luta para que ela alcance o maior número de pessoas possíveis e que esteja a favor do sensível, do humano, da ética, do coletivo (vou insistir nesse ponto). A História e o Ensino de História são vias privilegiadas para tal, pois têm o elemento humano como mote. Nas tramas das múltiplas temporalidades podemos construir uma poética do digital afeito aos direitos humanos e à justiça social.

Para quem tiver interesse nessa temática, sugiro conferir os eventos da área, como o Perspectivas do Ensino de História, o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História e os simpósios temáticos de Ensino de História do Simpósio Nacional (ANPUH). Há materiais disponíveis no site da Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História (ABEH) (https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419) que podem ser consultados e utilizados em pesquisas para além do debate sobre a tecnologia.

Ana Amélia Rodrigues – No artigo “Ensino de História e tecnologias digitais. Trabalhando com oficinas pedagógicas”, publicado na Revista História Hoje, você diz que tem questionado nos seus trabalhos se essas tecnologias digitais podem mudar a relação com a epistemologia histórica. Você poderia nos explicar melhor como isso poderia acontecer?

Marcella Albaine – Esse artigo foi escrito no meu primeiro ano de doutorado (2015) e nele trabalho com uma paixão: as oficinas pedagógicas. Aprendi a trabalhar com oficinas quando fui bolsista PIBID e depois quando fui bolsista do Observatório da Educação (OBEDUC); trouxe essa experiência para a minha prática docente, assim como para a pesquisa do mestrado e do doutorado. Passado já um bom tempo da elaboração deste texto, creio que hoje tenha respostas mais consistentes para responder a essa ponderação.

Epistemologia histórica se refere à ciência, à produção de conhecimento, à método, rigor, crítica documental, e não a mera opinião, à ausência de referências, à notícias falsas como vemos no universo das redes sociais. Hoje eu afirmo que, sim, as tecnologias digitais podem mudar a relação com a epistemologia histórica pelas formas diferenciadas de produção, divulgação e ensino da História. As tecnologias desafiam a tradição disciplinar da História, associada inicialmente, e de forma predominante, a textos escritos. Os memes, podcasts, vídeos, games, entre outros formatos de materiais, estão aí para ampliar nossa forma de ver e trabalhar com o conhecimento histórico. Como afirma Anita Lucchesi (<https://www.youtube.com/watch?v=Q17Gcz5J9So&t=920s>): "A História Digital não é apenas a História online na internet. A História Digital é aquela produzida, divulgada e interpretada a partir de métodos e ferramentas digitais. Como a combinação de técnicas em ambientes digitais nos ajudam a fazer História e interrogar o passado de uma outra maneira".

Na tese de doutorado, posteriormente transformada no livro "Ensino de História e historiografia escolar digital" (2021), fui mais a fundo nesse ponto e cheguei à conclusão de que o 'digital' é condição de pensamento, dependendo menos do suporte empregado e mais das práticas culturais que envolvem o seu uso. Como cheguei a essa conclusão vou deixar como curiosidade, torcendo para que quem nos lê nessa entrevista se interesse por ver a pesquisa na íntegra, faça críticas e continue novas investigações a partir das provocações que lá se encontram.

Ana Amélia Rodrigues – Um levantamento feito em 2019 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), instituição responsável por monitorar a adoção das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil aponta que, em média, 85% dos alunos de escolas públicas e particulares usam a internet para realizar suas pesquisas escolares. Nós sabemos o quanto a rede mundial de computadores se tornou “terra de ninguém”, sendo espaço para a difusão de teorias negacionistas ou sem qualquer embasamento científico, teorias estas que retornam para a sala de aula através das falas dos estudantes. Como o trabalho com as tecnologias digitais nas aulas de História pode ajudar professores e professoras da educação básica a lidar com esse pseudoconhecimento difundido nas redes?

Marcella Albaine – Vou continuar insistindo no ‘educar para a cibercultura’, que, em essência, é o educar para a vida em sociedade. Eu poderia responder essa pergunta fazendo um apelo: leiam o livro já citado anteriormente “Tudo sobre o amor” (2000) da Bell Hooks. O foco dela não é no digital, tampouco na História escolar, mas tudo que ela escreve ali nos ajuda no preparo para o combate que temos lidado diariamente, e esse se dá também no campo das ideias, via conhecimento, sem romantização. Não fazemos doutrinação, estamos a lançar olhares para histórias silenciadas, para atores sociais marginalizados e isso só será efetivo nos caminhos do amor, da compaixão, do questionamento e da firmeza para transformar. A “intolerância” com os “intolerantes” não é uma via inteligente, a gestão das diferenças tendo o respeito como preceito do qual não se pode abrir mão, é uma aposta mais efetiva.

Outro ponto é ocuparmos as redes produzindo materiais de qualidade. Não adianta ficarmos só no incômodo, mas fazer do incômodo o combustível para a ação. As licenciaturas são espaços estratégicos para isso; as escolas também. Temos um público que consome conteúdo, temos também um público produtor em potencial, mas que precisa ser direcionado. Dar direcionamento não é engessar práticas ou formatos, mas orientar para que falácias não passem adiante como verdades absolutas.

Ana Amélia Rodrigues – Você e a professora Vitória Fonseca coordenam um projeto de extensão chamado “Bate-papo sobre Ensino de História”, que consiste na realização de lives onde vocês debatem com diferentes pesquisadores e pesquisadoras da área

do ensino. Quando e como surgiu essa ideia? Como é que vocês definem as pautas, escolhem os convidados e produzem os programas?

Marcella Albaine – O Bate-Papo, realizado pelo Laboratório de Práticas de Ensino em História (LAPEHIS) do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), surgiu logo no início da pandemia da COVID-19 como uma alternativa de interação e estudo no momento delicado do isolamento social. O primeiro programa foi ao ar em 23 de abril de 2020, após conversarmos e rascunharmos ideias em um planejamento compartilhado. Esse projeto nasceu do e com afeto, nosso objetivo era juntar profissionais envolvidos com o Ensino de História para uma conversa aberta a toda e qualquer pessoa interessada, ressaltando a complexidade e diversidade de abordagens possíveis dentro desse campo de pesquisa. Além disso, o Bate Papo, por ser um projeto de extensão, funciona como veículo de valorização do fazer docente e da pesquisa, sempre procurando desenvolver a escuta atenta e a troca de saberes com estudantes e colegas da educação básica e da educação superior de igual para igual. Todo trabalho de transmissão ao vivo era precedido pelo contato com os/as convidados/as e pela elaboração dos *cards* de divulgação que circulavam no Instagram oficial do projeto (@batepapoensinodehistoria) e em nossas redes pessoais, sempre contando com a ajuda de colegas que os repassavam às suas turmas e contatos.

Tentando abarcar professores/as e pesquisadores/as de todas as regiões do Brasil, no primeiro ano de projeto (2020) tivemos 58 programas discutindo, entre outros assuntos, sobre tecnologias digitais, revisionismo conservador, negacionismo, relações étnico-raciais, história em quadrinhos, educação patrimonial, história pública, Base Nacional Comum Curricular, livro didático, avaliação, arquivo, letramento, audiovisuais, afetos, uso de imagens, formação de professores, educação quilombola, história local, música, ludicidade, festas, gênero, memória, direitos humanos, interdisciplinaridade, etc. Já no segundo ano (2021), foram 18 novas transmissões organizadas por temas mensais, quais sejam: homenagens à mulheres que atuaram no campo do Ensino de História (Déa Fenelon, Arlette Gasparello, Maria Carolina Galzerani e Júnia Sales), sensibilidades, arte, literatura, meio ambiente, saberes populares, saúde, e construção de outras narrativas.

Esses mais de 75 programas (https://www.youtube.com/playlist?list=PLleU0Ap-X3Pw_Tamt8878gAzmfOh_UEj9) foram fruto de seleções, ou melhor, de escolhas possíveis dentro dos desafios da gestão de agendas e mescla de regiões (quando possível) e compõem um acervo riquíssimo que pode ser consultado e utilizado como material de aulas. Seguimos usando o Instagram (<https://www.instagram.com/batepapoensinodehistoria/>) para fazer sugestões de leitura, disponibilizando o link de acesso ou compra de livros relacionados ao Ensino de História.

O mais interessante de todo esse processo foi que aprendemos, na experimentação, a lidar com o digital a favor da veiculação de conteúdo de qualidade, empreitada que só teve sucesso devido ao apoio de colegas espalhados pelo Brasil todo. As mensagens que recebemos pelas redes foram, majoritariamente, de incentivo, de agradecimento, de pessoas pedindo o contato dos/das convidados/as. Não tínhamos noção do alcance que o projeto teria, o que nos deixou ainda mais cientes da responsabilidade. Contamos também com mensagens de ódio, com a queda do canal da plataforma Youtube, obstáculos que foram transpostos na força da parceria de um trabalho comprometido com o amor. Ainda estamos amadurecendo os planos para 2022; estamos querendo focar no Bicentenário da Independência. Repensar o formato e as proposições é necessário para a vida do projeto, visto que, hoje, além do excesso de telas, temos uma oferta imensa de lives e muitas instituições voltando ao ensino presencial. Então os rumos ainda estão incertos.

Ana Amélia Rodrigues – O projeto do bate-papo é um importante trabalho de história pública e de divulgação científica, mas você acredita que ele também pode ser considerado como um projeto de formação de professores? Se sim, por quê? Esse foi o público-alvo definido por vocês ao elaborarem a proposta?

Maria – Recebemos mensagens de professores da educação básica e superior comentando que incorporaram as lives em suas ementas e planos de aula. Por exemplo, o encontro com o ator César Mello (https://www.youtube.com/watch?v=EzXE_YVuekE&list=PLleU0Ap-X3Pw_Tamt8878gAzmfOh_UEj9) sobre o filme “Doutor Gama” (2021) foi utilizado em turmas do Ensino Médio, o que foi extremamente gratificante. Também já tivemos, ao

vivo, a presença de turmas do ensino fundamental e de licenciaturas. O Bate-Papo é um projeto de formação para todos que dele participam, todos, inclusive para nós. Eu e Vitória sempre brincamos nos bastidores do “frio na barriga” que dá, mas da riqueza de experiência que tivemos o privilégio e a alegria de levar à frente. Fomos afinando com o tempo, estabelecendo critérios, divisão de tarefas e ainda temos muita coisa pela frente. Os/as docentes foram nossos interlocutores desde o início, o programa não apenas era direcionado para eles/elas, mas feito com eles/elas. Nisso destaco o espaço do *chat* como canal de interação por meio de perguntas aos convidados/as e de troca entre os próprios participantes. Também recebemos mensagens de pessoas que assistiam depois às lives, faziam anotações em seus cadernos e nos enviavam fotos. Temos o backup de todas as transmissões, nosso arquivo compartilhado com o planejamento é também memória do projeto.

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

É professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) em integra o corpo docente do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Ceará, ProfHistória, atuando na linha de pesquisa Saberes Históricos em diferentes Espaços de Memória. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas culturais, cultura popular, patrimônio cultural, memória e museus, mas atualmente vem desenvolvendo pesquisas na área de Ensino de História e tecnologias digitais.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/9983853118156018>

Marcella Albaine Farias da Costa

É professora da área de Ensino de História da Universidade Federal de Roraima (UFRR), dedicando-se à pesquisa sobre Ensino de História, História Digital e Humanidades Digitais. Autora dos livros Ensino de História e games: dimensões práticas em sala de aula (2017) e Ensino de História e historiografia escolar digital (2021) e coordenadora

do Projeto Bate Papo sobre Ensino de História, desenvolvido em parceria com a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6721324249058751>

Entrevista recebida em: 4 de março de 2022.

Entrevista aprovada em: 14 de março de 2022.